
Rap Feminino no Recôncavo Baiano : Olhar sensível para as obras de mc Jayne de Cachoeira¹

Luis Ricardo Soares Santana²

Nadja Vladi Gumes³

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Resumo

O artigo apresenta uma análise comunicacional do trabalho da cantora e compositora MC Jayne, de Cachoeira, a partir da lente teórica-metodológica da interseccionalidade (COLLINS & BILGE; 2019; AKOTIRENE, 2019), para identificar as questões ligadas à raça, gênero, classe e territorialidade que atravessam o corpo de nossa sujeita de pesquisa, e que reverberam em sua música. O trabalho também aborda o lugar de ativista da rapper, também de diva, e dialoga com as filosofias da divindade Yorubá Oxum, que traz a noção do empoderamento feminino e negro, a partir das contribuições de Carla Akotirene (2019) e Oyèrónké Oyèwùmí (2016)

Palavras-chave: Música; Interseccionalidade; Territorialidades; Raça; Gênero.

Este artigo analisa parte da produção musical de MC Jayne, nascida na cidade de Cachoeira, no Recôncavo baiano. O propósito é apresentar a trajetória da artista a partir da análise do seu primeiro álbum, lançado em 2021, “Guerreira de fé”, a partir de suas suas performances no Youtube e no Instagram. A ideia é investigar o uso que MC Jayne faz das plataformas digitais para divulgação do seu trabalho e pensar sobre o ativismo musical (HERSCHMANN e FERNANDES, 2014) presente em suas canções. Interessa pensar classe, gênero, raça, territorialidades presentes no rap da cantora, a partir da perspectiva da teoria de interseccionalidade (AKOTIRENE, 2019; COLLINS e BILGE, 2021).

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa Comunicação, Música e Entretenimento a do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023

² Estudante de graduação de Comunicação da Universidade Federal do Recôncavo. Bolsista PIBIC 2023/2024 do projeto de pesquisa Práticas musicais e suas conexões comunicacionais atravessadas por perspectivas interseccionais

³ Professora adjunta da Universidade Federal do Recôncavo. Docente permanente do Programa de Pós Graduação em Comunicação da UFRB e do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da UFBA.

Trata-se de pensar como MC Jayne usa a música para denunciar questões complexas da sociedade justamente por serem acidentadas por essas avenidas identitárias (AKOTIRENE, 2019) que formam essa encruzilhada, como coloca Rufino (2019), provocado por “deslocamentos daqueles que estão à margem” (p.73). Pegando o gancho da sensibilidade analítica proposta por Carla Akotirene (2019), vamos percorrer identificações que passam pelo arquétipo da divindade Oxum presente na arte de Mc Jayne que performa a figura da Diva (SOARES, 2021), um termo derivado do latim cuja tradução seria deusa, mas que teve esse conceito amplamente divulgado pelas cantoras do pop norte-americano e incorporada por artistas brasileiras.

Como forma de resgatar a origem do conceito de Diva, neste momento traremos um Itã⁴ que descreve como a deusa Oxum se tornou a Iyalodê (senhora do poder feminino) após ter reivindicado a presença das divindades femininas, que antes eram proibidas de participar dos conselhos que iriam decidir sobre as questões da humanidade. A partir dessa narrativa, procuramos fazer um link direto com a supremacia masculina (e negra) no rap observada e questionada por MC Jayne no seu trabalho. Também tratamos da experiência da rapper com outras cantoras negras de rap que, mesmo em territorialidades diferentes, compartilham das mesmas questões.

Ao ocupar o espaço do rap, um gênero musical estruturado pelo cisheteropatriado (AKOTIRENE, 2019), MC Jayne tenta destruí-lo de dentro para fora como a água que se infiltra em estruturas sólidas levando-as à ruína. Além da autoestima proporcionada pelo espelho de Oxum que está presente nos versos da cantora, ela mostra em seu arquétipo a possibilidade de “ser mãe sem deixar de ser mulher”, que uma coisa não anula a outra. No videoclipe “Garota Atraente”, a letra diz “*que seu jeito delicado e atraente a levanta deixando-a poderosa*”. Há na canção a quebra de um violento e limitante estereótipo quando Mc Jayne afirma sua delicadeza, já que existe a espera de força física e emocional acima do comum de corpos pretos, independente do gênero. Em “Mina Favelada”, ela traz a fertilidade de Oxum que vai muito além de parir um filho físico, já que a própria cantora também afirma ter uma mente fértil e criativa quando canta: “Já dizia Mano Brown na disciplina, do lixão nasce flor e da minha mente nasce rima”.

⁴ História mitológica dos orixás

Nossa proposta neste trabalho é perceber a importância da arte da MC Jayne para a divulgação e a valorização da música pop de Cachoeira, no Recôncavo da Bahia, da sua presença questionadora como mulher, negra, mãe, favelada no rap, um gênero musical potente, mas que carrega contradições pela supremacia masculina e cisheteronormativa. Pensando nessa análise interseccional, trazemos no artigo a análise de dois videoclipes “Fogo nos Racistas” e “Mina Favelada”, que apresentam questões ligadas à raça, classe, territorialidades e gênero.

Artivismo musical em MC Jayne

A trajetória de MC Jayne começou aos 12 anos quando ela fazia parte da instituição GAMGE (Grupo de Apoio ao Menor Gotas de Esperança). A cantora fazia aulas de Hip Hop e ouvia clássicos do gênero: 50 Cent, Beyoncé, Rihanna, B2k, Chris Brown. Em entrevista⁵ a pesquisa, ela como começou a compor:

Isso despertou o meu interesse em começar a escrever músicas. Comecei a fazer minhas primeiras composições no quintal da minha avó junto com os meus irmãos. Eles faziam a batida no balde e eu cantava. Foi assim que fiz minha primeira composição, "Mina Favelada". Geralmente nas minhas músicas falo sobre nós, mulheres negras empoderadas, vivências, violência, favela.. Sempre costumo cantar o que vivo, o que sinto, a realidade da quebrada. E costumo falar que nós mulheres estamos na luta desde sempre, mães, donas de casa, no corre de sempre buscar melhorias para as nossas crias...

Outra característica da artista, que é parte da cultura do rap, é falar da vida na sua comunidade. “Tudo que vejo acontecendo, vou escrevendo para levar minha mensagem para que toque na alma das pessoas, principalmente o povo preto, pois a todo momento a gente vem sofrendo racismo, sendo humilhados...tudo isso me faz desabafar em forma de música”, explica MC Jayne sobre seu processo de criação. A existência de Mc Jayne já é um ato de resistência por ser mulher, negra, periférica, não magra. Diante destes atravessamentos, ela se coloca ativa e imponente. Na sua música a cantora faz protestos denunciando o racismo, classismo, machismo e a LGBTQIAPN+fobia. Também resgatar em suas letras a autoestima destes grupos subalternizados por estas violências.

⁵ Entrevista dada a MC Jayne para a pesquisa em abril de 2023

Por conta destas potentes discussões, a cantora não perde de vista que o ativismo de MC Jayne está inserido em um cenário mais globalizado onde se tem presença forte da tecnologia. Como coloca Chaia, (...) as conquistas tecnológicas constituem suportes para ampliar o potencial de artistas políticos e alastrar o campo de ação do ativismo. O ativismo “esta prática [que] desloca o cenário da arte e da política para o espaço público”. (2007, p.9 e 10). É importante não perder de vista que os protestos sociais e artistas são comunicados não apenas pelas letras das músicas de MC Jayne, mas pela performance da cantora que se veste com roupas que definem as curvas de seu corpo, usa cabelo crespo e tranças coloridas comunicando a valorização da estética negra e reivindicando com esses looks o histórico processo de invisibilização de corpos negros.

A música “De Pink Rosa”, em que ela traduz seu gosto por rosa que se reflete em seu estilo, visível não só em seus clipes, mas também em suas performances ao vivo, dialoga com a ideia de associar “práticas artistas a uma esfera de indissociabilidade entre estética e política” (ROCHA, p.8). Essa música postada através de um vídeo de um único take da cantora em seu perfil no instagram pessoal evidencia a potência revolucionária da negritude e faz uma crítica explícita a limitadora hipersexualização das mulheres negras.

O videoclipe da música “Mina Favelada” a cantora critica a ausência feminina no rap: “no movimento tem mais mano e tem poucas mina, represento sem miséria e sempre com autoestima, mas as mina vão chegar representar daquele jeito tudo junto e misturado na favela e no Gueto”. Aqui podemos observar a mensagem através da letra, e a potência imagética que mostra a cantora enquanto recita estes versos sentada numa mesa de bar, cercada de homens e ela sozinha, como mulher, indicando que a ausência e pouca presença feminina vai muito além rap e atravessa toda nossa sociedade estruturada não só pelo racismo, mas também pelo patriarcado.

Pensando nestas denúncias feitas pela música da cantora podemos trazer a reflexão de Colling que afirma que:

Obviamente, as relações entre arte, política e diversidade sexual e de gênero, em especial quando pensamos na história do feminismo, não são novas. As feministas, assim como outros movimentos sociais, tal qual o movimento negro e seu teatro, sempre perceberam que as artes e os produtos culturais em geral são potentes estratégias para produzir outras

subjetividades capazes de atacar a misoginia, o sexismo e o racismo.” (COLLING, 2018, p.157)

A música “Mina Favelada” discute questões de raça e classe porque MC Jayne é “atravessada por estas identidades que se cruzam e a atropelam nessa encruzilhada identitária”. (AKOTIRENE, 2019). Podemos pensar nestas discussões interseccionais que as produções audiovisuais artivistas contemporâneas ao “dar voz e visibilidade (midiática e pós-massiva) às temáticas de gênero, muitas vezes em sinergia com questões raciais e de classe.” (ROCHA, Ano, p.10).

Pensando no artivismo presente na música que deu nome ao álbum, “Guerreira de Fé”, podemos pensar que os versos dessa música procuram resgatar as memórias, a força e a fé nos heróis e heroínas negros e negras que tanto resistiram durante o violento passado colonial, e que teve Cachoeira como um território de luta e resistência do povo preto escravizado. Esse resgate é feito quando Mc Jayne diz: “Fiz um exame e falou de rap deu positivo”, e, a partir desta letra, podemos interpretar como um exame de DNA que confirma sua descendência de povos africanos e de como esse sangue que foi passado de geração a geração manteve os comportamento e gingados necessários para construção do rap.

A segunda faixa do álbum, “Não Pisa No Meu But”, que apesar do seu título está se referindo a um tênis, pode-se interpretar que o ato de pisar no pé de alguém é uma forma de desrespeito, pois quando não é acidente, é por não ver a pessoa ali naquele espaço e até o acidente é causado por essa invisibilização que está relacionada com uma série de violências sociais. A letra da música fala do sapato “que não pode ser pisoteado se não ela vira bicho”, e podemos perceber o sapato como extensão dela, visto que ao pisar com o sapato pisa na própria cantora confirmando a teoria do desrespeito.

Ela também conta que vai “fazendo/produzindo no conflito”, ou seja, produzindo não apenas seus versos, mas os corres de sua vida são feitos em meio a tantos conflitos/dificuldades, já que não sobrevive sendo apenas cantora, mas faz dinheiro organizando festas para crianças, sendo manicure, além de já ter trabalhado em lojas de roupas e foi segurança.

A música “Visão Ampla” em que fala: “Nascida e criada entre becos e vielas, orgulho de dizer que a mina aqui é da favela, e de favela em favela a piveta não para não, incentivando a quebrada passando informação, seja o menor, as guria, os pivete ou

as tia’. Nessa parte, demonstra orgulho e valorização de ser quem é, e do lugar que veio. Mc Jayne é muito coerente quando disse, em uma de suas entrevistas para este trabalho, que suas músicas são inspiradas no que vive, dialogando muito com o conceito de escrevivência de Conceição Evaristo (2016).

A cantora tanto no clipe da música quanto na letra conta que incentiva a quebrada quando passa informação que chega em pessoas de todas as idades. Pegando esse gancho de passar informação, é importante ressaltar que o ativismo, ou melhor, o artivismo da cantora vai além de suas músicas publicadas, pois ela participou do projeto Exquilombo Educa, realizado pelo grupo de dança de rua, Grupo 13 que realiza atividades artísticas em algumas escolas de comunidades quilombolas, e Mc Jayne está dando oficinas de rima na escola Otavio Pereiro no Tabuleiro.

“Dádiva”: Diva e Oxum

Pensando nas declarações feitas por MC Jayne, que se autodenomina diva, trago para reflexão nessa análise, o livro "Divas Pop" (2020), que reflete sobre a construção dessa figura de Diva no imaginário global construído pelas indústrias do entretenimento dos Estados Unidos e das negociações que artistas brasileiras fazem no processo de transculturalidade ao incorporarem esse conceito do imaginário global em seu trabalho artístico individual, local e específico; “Temos assim, na história do pop, uma radiografia movente da convivência entre culturas globais, a resistência e a resignificação do local.” (ROCHA, p.23). Dessa forma, neste trabalho, é fundamental um diálogo com o pop e suas referências estéticas e políticas na tentativa de saber que a política do rap também é aberta ao pop.

Mário Augusto Rolim, no texto *The realest?: performance de uma autenticidade pop-rap em “Fancy*, exemplifica sobre essa incorporação de elementos do pop no rap:

Também perde influencia a atitude underground e “política” do rap, enquanto ganha força uma aderência a valores associados ao pop como a ênfase em aspectos visuais da produção, a busca por canções que fazem o ouvinte dançar e se divertir, e uma maior assunção da artificialidade e do pastiche, tornando o pop-rap também mais aberto a participação de artistas mulheres e/ou queer que o rap tradicional. (ROLIM, 2020, p.236)

E com MC Jayne não é diferente, pois mesmo sendo cantora de rapper, é conhecida por seus fãs como Diva, ela conta que nasceu “ para brilhar” e o nome que foi sugerido

por seu público, passou a fazer parte da identidade que ela constrói com sua arte. “O pessoal gritava e aí Diva do Rap, olha a diva, a diva tá na casa. Virei MC Jayne Diva. Amo quando me chamam de diva, me sinto uma mulher forte, empoderada.. principalmente quando estou nos palcos e a galera vibrando com o meu som”, comenta MC Jayne.

Pensando no conceito de “diva” presente no trabalho de Mc Jayne e principalmente na música pop, e da inseparabilidade das violências do capitalismo, racismo e cis-heteropatriarcado, como aponta Carla Akotirene (2019), podemos refletir sobre as alianças que MC Jayne constrói, por exemplo, com a comunidade LGBTQIA+ e ao mesmo tempo incorporando essa figura de diva que seria o arquétipo de uma mulher empoderada, sedutora, magnética e dona de si. Essas alianças se deram de muitas formas: quando a cantora participou da 9ª parada LGBTQIA+ em Cachoeira e por postar em seu feed do Instagram vídeos dançando com um menino negro, periférico e afeminado. Sabendo que espaços construídos em torno dessa figura da diva fornecem um ambiente em que corpos femininos e dissidentes possam ocupar e se expressar livremente, MC Jayne confirma esta relação que constrói a imagem de “diva” com a comunidade LGBTQIA+.

O termo de diva deriva do latim cuja tradução seria deusa, podemos trazer como exemplo sonoro para a discussão, a música “Dádiva”, de outra cantora baiana, Xênia França, de seu segundo álbum, “Em Nome da Estrela”, que, apesar de não ser do rap, também discute questões de raça, gênero e classe em suas produções, compondo o que chamamos de cena musical afrolatina/diaspórica (GUMES, 2023). Nessa música, Xênia reverencia e incorpora o arquétipo de Oxum, que pode ser interpretada como uma diva na música, já que em um dos versos ela fala : “Você vai duvidar da vida? Mas não tecerá tormenta da diva” E pensando em oxum como também “Em um mundo de possibilidades para todos os nascidos de Ìyá, a ideologia materna, orientada para a comunidade, totalmente inclusiva, doadora, sustentadora e preservadora da vida, pode fornecer e a base para a ação política e a transformação social necessária.” (DO NASCIMENTO, 2021, p.10)

A partir da potência de Oxum, que resgata esse sentido primeiro do termo Diva, iremos analisar agora um Itã (história mitológica) da divindade, que explica como ela se rebelou por não participar das reuniões ou conciliábulos, que antes só divindades

masculinas podiam participar. A História é muito difundida na cultura oral, mas pode ser encontrada no livro “Mitologia dos Orixás”, do cientista social Reginaldo Prandi, no capítulo dedicado a Orixá das águas com o título de “Oxum faz as mulheres estéreis em represália aos homens”. É importante perceber o lugar do mito nas culturas africanas, como disse o filósofo e autor do artigo “Epistemologia da Ancestralidade”, Eduardo Oliveira (2001). “A maioria das culturas africanas encerra sua sabedoria na forma narrativa dos mitos. Talvez porque os mitos não segregam as esferas do viver. Não separar religião de política, ética de trabalho, conhecimento de ação.” (p.5). Pensando nessa colocação e nesse mito que está neste lugar de não dissociar religião de política, podemos ler essa postura de Oxum nesse Itã, que é também religioso, como um ato político que reivindica a presença feminina nesses conselhos que iam decidir os acontecimentos naturais do mundo. Assim como Oxum no Itã, MC Jayne questiona a escassez feminina do rapper em sua música “Mina Favelada” quando diz “no movimento tem mais mano e tem poucas mina”.

Pensando nisso, interessa dialogar com Carla Akotirene que fala sobre como “ (...) aprendemos com Oxum a transpor poderes patriarcais e nos impor sem perder a doçura, a maternidade e a voz pública.” (2018, p.79 e 80). Outra pessoa que enriquece essa discussão, é a socióloga nigeriana Oyèwùmí Oyèrónké, que, com seu movimento oxunista, propõe um resgate ancestral da **matripotência**, para dar conta das subjetividades das mulheres africanas. O próprio nome deriva da deusa iorubana Oxum, por ser considerada a Ìyá, que procriou e fundou a sociedade humana.

Nessa busca de uma ruptura epistêmica e linguística com as heranças coloniais, marcas de seu esforço por uma descolonização das lógicas de conhecimento, Oyèwùmí propõe o oxunismo como movimento que seja capaz de ler as experiências das mulheres africanas na resistência à imposição do gênero pelo patriarcado colonial. O nome desta proposta deriva da orixá Oxum, divindade iorubana vinculada com a primogenitura da humanidade. (OYÈWÙMÍ, 2016a apud DO NASCIMENTO, 2021, p.8)

A partir do conceito de matripotência, podemos pensar em Oxum quanto uma Ìyá que fornece o poder da fertilidade e o poder da vida que está no centro de tudo de acordo com a socióloga nigeriana aqui:

Ìyá está no centro do sistema baseado na senioridade, que simboliza o que descrevo como princípio matripotente. A Matripotência descreve os poderes, espiritual e material, derivados do papel procriador de Ìyá.

A eficácia de Ìyá é mais acentuada quando considerada sua relação com a prole nascida. O ethos matripotente expressa o sistema de senioridade em que Ìyá é sênior venerada em relação a suas crias. Como todos os humanos têm uma Ìyá, todos nascemos de uma Ìyá, ninguém é maior, mais antigo ou mais velho que Ìyá. Quem procria é a fundadora da sociedade humana, como indicado em Osetura, o mito fundador iorubá (OYĚWÙMÍ, 2016a, p. 58-59).

Seguindo a discussão, podemos destacar outro ponto que é o resgate do amor próprio, muito presente no culto desta divindade que, com seu espelho, nos lembra da importância de estarmos bem com nós mesmos em todos os sentidos, já que estamos diante de um corpo feminino negro e gordo, que teve este sentimento de auto-amor negado historicamente. Estas são questões presentes no trabalho de Mc Jayne que comunica a autoestima nas roupas e na postura imponente, como é o caso da música “Garota Atraente”, na qual a artista se coloca num lugar de mulher bonita, atraente, charmosa, poderosa e delicada. E sobre este último adjetivo, o delicada, que é acionado nessa música é humanizador, visto que um corpo como o da MC Jayne, por conta do atravessamento racial, tem sido lido historicamente visto como um corpo em que quase nunca se espera sensibilidade e delicadeza.

E por fim, pensando num pequeno trecho do poema que o antropólogo e babalorixá Rodney William fez para Oxum, quando ele diz “Oxum é mãe sem deixar de ser mulher”, podemos conectar diretamente com MC Jayne, que, além de cantora e compositora, também é mãe de uma menina. Dialogando perfeitamente com essa afirmação da socióloga nigeriana Oyèrónké Oyěwùmí. “(...) para a cultura iorubá prévia à colonização, Ìyá, a progenitora, a mãe, não é subordinada nem à prole e nem ao parceiro sexual. Em função da senioridade, ela ocupa sempre um status superior à prole. E não é sujeita ao companheiro sexual na relação de geração da prole e nem está em oposição a ele (OYĚWÙMÍ, 2016a, p. 66).

MC Jayne, análise dos videoclipes

a) Fogo nos Racistas

O videoclipe “Fogo nos racistas” foi lançado em 27/07/2020, e teve a mão do diretor de cinema Marvin Pereira, que também fez parte do roteiro. A música ganhou duas produções audiovisuais:, uma feita em apenas um cenário, na orla de Cachoeira com o rio Paraguaçu ao fundo com a ponte histórica Dom Pedro II, para a edição do

Cinema Negro de São Félix, em 2021. Recentemente, ela gravou a segunda versão audiovisual da música "Fogo nos Racistas". O lançamento do videoclipe foi com o restante do álbum "Guerreira de Fé", nas plataformas de streaming em dezembro de 2021. "Fogo nos Racistas" tem um dos títulos mais impactante, pois de maneira explícita a artista clama por medidas mais drásticas que devem ser tomadas para se combater o racismo estrutural, que é indissociável da estrutura do capitalismo e do cisheteropatriarcado. O videoclipe começa com Mc Jayne se apresentando e afirmando sua identidade potente de Diva: "Mc Jayne, Diva na Casa, Studio LK". E o nome Diva segue no fundo da imagem acompanhando a cantora que gíngua e balança suas tranças vermelhas, enquanto faz um discurso sobre afirmação e a valorização do Hip Hop. Em seguida, se portando como uma jornalista, mostra a previsão do tempo e fala: "A hora do pesadelo apenas começou". Podemos interpretar que a artista está se referindo ao incômodo gerado e o pesadelo que deve ser parar essa estrutura violenta e opressora, lidar com a postura altiva e imponente de um corpo feminino, negro e da periferia do Recôncavo baiano, como o da Mc Jayne.

Em seguida, a artista aparece em um enquadramento rosa, com elementos que remetem ao Instagram, e MC Jayne de óculos, com lente rosa, combinando com o restante da imagem, posando para câmera que faz subir vários corações que são as curtidas (colocando ela em um lugar de destaque nas redes sociais), em seguida aparecem três versões dela simultaneamente na imagem posando para foto em um estado de contemplação de si mesma. Chega um momento em que Mc Jayne aparece em frente a uma busca do Google de: "Cachoeira Bahia", de onde reitera com orgulho seu lugar quando diz: "Eu sou de Cachoeira, interior, eu sou do rap". Dessa forma, reafirma seu lugar periférico falando de território e diz: "A favela mora em mim e eu tô vivendo por ela". Além de uma afirmação e valorização existe também um dever que a própria cantora se dá em defender este mesmo território periférico. Por fim ela manda um recado para os racistas: -"Vacila não que eu boto fogo".

b) Mina Favelada

Nossa próxima análise é "Mina Favelada", postado no Youtube em dezembro de 2017, no canal SacaCidade, e a escolha desse videoclipe, se deu por ser uma produção que está fora do seu álbum "Guerreira de Fé", e, além das questões raciais,

Mc Jayne apresenta pautas de classe e gênero, quando no próprio título ela afirma ser uma mina da favela.. O clipe é ambientado na parte periférica de Cachoeira e mostra um pouco da rotina da cantora que, além de performar na comunidade, também precisa se virar trabalhando como manicure. Justamente por ser uma mulher que canta rapper, a cantora denuncia a violência de gênero quando diz numa mesa de bar, apenas com homens: “no movimento tem mais mano e tem poucas mina, represento sem miséria e sempre com autoestima, mas as mina vão chegar representar daquele jeito, tudo junto e misturado na favela e no gueto”. Quando termina de cantar esses versos, sai deste cenário e agora está com um microfone cantando ao lado de outra menina. Esta ocupação feminina e negra se manifesta não apenas nos versos, mas também nos corpos femininos, negros e periféricos que se expressam no videoclipe.

A artista encerra o clipe dizendo: “O movimento aqui é grande, fique atento meu irmão, sou MC Jayne expressando essa canção, então fica ligado nessa batida, porque eu já mandei meu papo e essa é minha disciplina”. Esses versos acompanham a artista cantando ao lado de outras meninas negras que estão dançando.

Considerações finais

A pesquisa não termina aqui, mas até o momento foi possível identificar os atravessamentos de raça, gênero, classe e territorialidade na produção musical de MC Jayne. E a noção de como essas categorias sociais trabalham em conjunto foi dada a partir da ferramenta analítica da interseccionalidade de Collins e Bilge (2021), quando coloca que “Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente”. (p.16 e 17).

Neste artigo utilizamos mais o conceito da interseccionalidade reiterado pela Carla Akotirene por conta do link e resgate que fizemos do conceito de “Diva” e com a divindade Yorubá Oxum. Podemos perceber a relação desse conceito de “Diva”, com a MC Jayne que não só se apropriou dele, mas também assumiu as responsabilidades quando se dispôs a assumir publicamente ser aliada das causas queer, visto que a figura de diva alimenta muito a comunidade LGBTQIAPN+.

MC Jayne apenas por ser cantora, compositora, mulher, negra, mãe, periférica e do recôncavo da Bahia já enfrenta diversas violências, mas percebeu na prática que junto com suas bandeiras que ela já leva apenas por existir, deve mostrar-se aliada em outras lutas também, visto que o racismo, capitalismo e o cishetero-patriarcado trabalham juntos. (AKOTIRENE, 2019)

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade** (Feminismos Plurais). São Paulo: Jandaíra, 2019.

GUMES, N.V. LIMA, T. R. **Corpos Insurgentes que requebram e amam: o esquema decolonial no álbum de Rachel Reis. Artigo apresentado** 32º Encontro Anual da Compós. Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 03 a 07 de julho de 2023.

SOARES, Thiago. **Divas pop: o corpo-som das cantoras na cultura midiática**. In: DIVAS POP - O corpo-som das cantoras na cultura midiática. Belo Horizonte - MG. 2020. p.25 - p.42.

ROCHA, Rose de Melo. **Introdução – Artivismos musicais de gênero e suas interfaces comunicacionais**. In. ARTIVISMOS MUSICAIS DE GÊNERO: bandivas, travestis, gays, drags, trans, não-binários. São Paulo. Editora Devires. p.5 - p.20

DO NASCIMENTO, Wanderson Flor. **Em torno de um pensamento oxunista: Ìyá descolonizando lógicas de conhecimento**. Disponível em: <file:///C:/Users/Luis%202/Downloads/oxunista%202.pdf>. Acesso em: 05/03/2023.